



MISCELÂNEA

Revista de Pós-Graduação em Letras

UNESP – Campus de Assis

ISSN: 1984-2899

www.assis.unesp.br/miscelanea

Miscelânea, Assis, vol.6, jul.2008/nov.2009



NOSSO JECA E NOSSA EMÍLIA VÃO AO EXTERIOR: AS TRADUÇÕES DAS OBRAS DE MONTEIRO LOBATO

Vanessa Gomes Franca
(Doutoranda — UFG)

RESUMO

Devido ao sucesso tanto de sua literatura infantil/juvenil bem como de sua literatura direcionada ao público adulto, as personagens de Monteiro Lobato viajaram por vários países. O Jeca passeou pela França e Emília pela Rússia. Assim, nosso objetivo com esse estudo foi evidenciar a repercussão de Lobato no cenário internacional, destacando quais de suas obras foram traduzidas e em quais línguas

PALAVRAS-CHAVE

Monteiro Lobato; Jeca Tatu; Emília; literatura infantil/juvenil brasileira; tradução.

RÉSUMÉ

Grâce au succès de sa littérature d'enfance et de jeunesse ainsi que de sa littérature pour les adultes, les personnages de Monteiro Lobato ont voyagé dans divers pays. Le Jeca s'est promené en France et Emília s'est proménée en Russie. Ainsi, notre objectif dans cette étude a été de montrer la répercussion de Lobato sur la scène internationale, mettant en évidence les oeuvres traduites et les langues de traduction.

MOTS-CLÉS

Monteiro Lobato; Jeca Tatu; Emília; littérature enfantine/juvenile brésilienne; traduction.

Nada de imitar seja lá quem for. [...] Temos de ser nós mesmos [...]. Ser núcleo de cometa, não cauda. Puxar fila, não seguir.

(Monteiro Lobato)

Introdução

Nossa pesquisa, de cunho historiográfico na área de tradução, campo ainda pouco explorado, procura apontar algumas das obras de Monteiro Lobato que foram traduzidas e em quais línguas. Segundo Pagano (2001, p. 127): “A proposta historiográfica atual busca aliar o registro de fatos e nomes a uma análise mais aprofundada da tradução em seu contexto social e histórico, vinculando seu estudo a fatores culturais que operam na produção e reescrita de textos”.

José Renato Monteiro Lobato, um dos personagens mais marcantes da nossa história literária e pública, nasce em Taubaté, interior paulista, em 18 de abril de 1882, filho de José Bento Marcondes Lobato e Olympia Monteiro Lobato. Aos onze anos de idade decide mudar seu nome para José Bento, devido às iniciais J. B. M. L. gravadas no castão de uma bengala de seu pai.

Atua como crítico de artes e literário, editor, tradutor, revisor de traduções, militante, jornalista, diplomata, pintor, promotor, fazendeiro. Monteiro Lobato também exerce a atividade empresarial. Dono de jornais, de revistas e de editoras. Sem contar suas empresas petrolíferas e de exploração de ferro. Como artista desenha várias aquarelas. Quando jovem queria cursar a Escola de Belas Artes, mas por imposição do avô, em 1900, entra para Faculdade de Direito do Largo de São Francisco em São Paulo — ganha o diploma de bacharel, em 1903.

Monteiro Lobato traduzido no mundo

O Lobato que nos interessa aqui é o escritor. Tanto as suas obras infantis como as suas obras destinadas aos adultos repercutiram no Brasil e em outros países, tendo sido traduzidas para várias línguas: “[...] Estou de sorte.

Fui traduzido na Síria por E. Kouri; na Alemanha por Fred Sommer; na França por Duriau. E como de muito tempo ando com a Espanha e a Argentina no papo, já apareci em seis países. Quer dizer que só falei comercialmente” (LOBATO, 1969, t. 2, p. 292).¹

As obras de Lobato sempre precisavam ser reeditadas devido a sua grande procura. Antônio Gonçalves Filho, em seu artigo “Quase duas mil páginas de Lobato”, nos fala sobre o lançamento de um volume de luxo para comemorar os cem anos de nascimento do escritor. Além disso, ele relata, resumidamente, a vida do autor, não deixando de mencionar o sucesso que Lobato fez no Brasil, o que lhe rende a publicação de suas obras em diversos países:

[...] Como se vê o escritor não tinha papas no texto, e isso lhe valeu a aceitação não só dos adultos, como de todas as crianças brasileiras. Prova disso é que, há dez anos exatamente, mais de seis milhões de livros do escritor já haviam sido vendidos, só no Brasil, fora as traduções em países como a Inglaterra, União Soviética, Japão, Espanha, Líbia, Estados Unidos, Argentina, etc. (GONÇALVES FILHO, 1982, p. 25).

Como constatamos no trecho anterior, Lobato foi traduzido em diversos países. De acordo com nossas pesquisas, é a partir de 1921 que o autor começa a fazer parte do cenário internacional.

Lobato em espanhol

Em 1921, Lobato escreve a Rangel informando o lançamento do seu livro *Urupês* na Argentina, em tradução de Benjamin de Garay e lançado pela editora Pátria. Além disso, ele fala sobre o interesse de tradutores de outros países em traduzir sua obra: “[...] Recebi o *Urupês* em espanhol lançado na Argentina. Bela edição. Garay. Nos Estados Unidos quer traduzi-lo Isaac

¹ Salientamos que os textos de Lobato aqui utilizados, tanto os livros como as cartas, não foram submetidos à revisão ortográfica.

Goldberg. E em França, um Julien Fauvel. Livro de sorte” (LOBATO, 1969, t. 2, p. 232).

Segundo Azevedo, Camargos e Sacchetta (1998), em 1923, uma coletânea de contos do autor, traduzida por Garay, sob o título *El comprador de haciendas*, foi lançada na Espanha. Já em 1924, outra coletânea de contos é publicada na Argentina: *Los ojos que sangran*, desta vez traduzida por B. Sanchez-Saez. Este também traduz e publica, em 1924, o conto “Barba Azul”, do livro *Negrinha*, na revista *Lecturas*, de Buenos Aires.

Em janeiro de 1924, Horácio Quiroga envia uma carta a Lobato manifestando sua intenção em traduzir dois contos do autor: “A nuvem de gafanhotos” e “Tragédia dum capão de pintos”, do livro *Cidades Mortas*. Para que realize as traduções, Quiroga pede a ajuda de Lobato para compreender alguns termos utilizados pelo autor:

Creio que, se Vsa. me ajudar em algumas expressões, me animaria a traduzir *Nuvem de gafanhotos*, e talvez a *Tragédia dum capão de pintos*. Sua ajuda consistiria em me explicar os termos que eu lhe enviaria por carta. Não seriam poucos, todavia. É idiota que aqui não conheçam todo o possível de Vsa.

[...]

Informe-me se Vsa. está disposto a me ajudar na tradução²(CEDAE).³

Na década de 1930, mais dois títulos lobatianos são publicados na Argentina pela Editorial Claridad. O romance *Presidente Negro ou O choque das raças* é lançado, em 1935. A obra infantil, *Don Quijote de los niños*, mais uma tradução de Benjamin de Garay, é editada no ano de 1938. Além desses livros, também já haviam sido publicados pela mesma editora: *Travesuras de Naricita Respingada*, *Tremendas cacerias de Pedrito*, *Los contos de la negra Nastacia*.

² Lê-se no original: “[...]Creo que, si Vd. me ayuda en algunas expresiones, me animaría a traducir La nube de langosta, y talvez la Tragedia de un capon de pollo. Su ayuda consistiría en explicarme los términos que yo le enviara por carta. No serían pocos, sin embargo. Es idiota que aquí no conozcan todo lo posible de Vd. / [...] Infórme-me Vd si está dispuesto a ayudarme en la traducción”.

³ No decorrer do nosso estudo, utilizaremos a sigla CEDAE para indicarmos quando for usado algum documento não publicado que conste do acervo pesquisado no Centro de Documentação Cultural “Alexandre Eulálio”, órgão do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP.

No ano de 1943, em carta ao amigo Rangel, Lobato informa que está dedicando-se à revisão de algumas obras que serão editadas na Argentina: "Ando parado com traduções. Meu tempo se escoia na revisão e alguma adaptação dos livros a saírem em espanhol na Argentina. Imagine a Emília a dizer 'Caramba!', 'Qué va!', 'Caracoles!'..." (LOBATO, 1969, t. 2, p. 344). Não obstante essa informação, não encontramos nenhum título publicado nesse período.

Em 8 de junho de 1946, Lobato muda-se para a Argentina. Lá, associa-se a amigos e funda a Editorial Acteon e lança *Las 12 hazañas de Hercules*. Ainda no mesmo ano, Lobato comenta a tradução feita na Argentina:

O Dr. Caramujo aqui virou na tradução, Doutor Cara de Col! (Caracol), e as pílulas viraram "pastilhas". Eu achei muita graça em ver aparecer nas graverrimas colunas da "Prenas" as Pastilhas del Dr. Cara de Col, que eles lá no jornal absolutamente não sabem o que é... (LOBATO, 1969, t. 2, p. 381).

Podemos constatar o grande sucesso que Lobato fez na Argentina em carta de 1946 que este envia a Gulnara, sua sobrinha:

Vamos ter no dia 25 a 'Semana Monteiro Lobato', no Harrods, que é um Mappin em ponto grande que há aqui, com exposição de todos os meus livros, cartazes, bonecos e representação de comédias extraída dos livros. Essa semana vai repetir-se antes do Natal (*apud* AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 1998, p. 343).

Lobato cita, também, o sucesso que faz na Exposição do Livro Brasileiro promovida pela embaixada, ao escrever: "o tal Lobato abafa abanca, pois se apresenta com 80 livros — as edições do Brasil e as traduções daqui e da Itália" (*apud* AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 1998, p. 343). E ainda: "Quer dizer que teu tio Juca entrou cá com o pé direito e vai indo muito bem" (*apud* AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 1998, p. 343).

O ano de 1947 é produtivo para o escritor, que publica pela editora Acteon, sob o pseudônimo de Miguel P. Garcia, *La Nueva Argentina*. Trata-se de livro destinado ao público jovem, que aborda o plano quinquenal de Perón,

presidente daquele país. No mesmo ano, a Americalee lança 23 títulos infantis de Lobato, além de uma nova edição de *Urupês*, traduzida por Ramon Prieto. A Editorial Codex, de Buenos Aires, também edita uma série de livretos de armar, com textos de Lobato. Em carta ao amigo Rangel, datada de 30 de julho de 1947, Lobato escreve:

Este mês escrevi 20 livrinhos novos para a Editorial CODEX de Buenos Aires; libritos juguetes, de pouco texto e muitos desenhos coloridos. Vão sair em duas línguas. E agora vou escrever uns seis para um editor do México — os quais mais tarde também poderão sair aqui. Isso me remoça um bocado, Rangel. Como são sempre capítulos do meu Rocamboles infantil, valem-me por horas passadas com eles no Picapau Amarelo — e esqueço-me da “velhice” do presente (CEDAE, grifo do autor).

Em e-mail a nós enviado, J. M. Kornbluh, responsável pela *Monteiro Lobato Licenciamentos*, nos informa de que toda a literatura de Monteiro Lobato é publicada na Argentina na década de 1940. A esse respeito Lobato comenta:

Publiquei um belo livro aqui, *Las Hazañas de Hercules* em um volume de luxo, ao preço de 30 pesos — caríssimo. Em março sairá pelo Ateneu a minha coleção de contos [...] A editora Kopla vai dar a Barca; e a Século XX vai dar *Mundo da Lua e América*. Quer dizer que teimo em substituir literariamente, e em expandir-me. Meus livros infantis já saíram todos cá — 14 só o ano passado. Bati um record. Vendem-se melhor no Peru, na Venezuela e no México do que aqui. A Argentina só absorve 20% das edições. Os livros cá sofrem da tremenda concorrência dos grandes jornais e das revistas, que são muitas e ótimas (CEDAE).

Os livros da literatura infantil/juvenil de Lobato ganharam os seguintes títulos em espanhol: *Travesuras de Naricita*; *Nuevas travesuras de Naricita*; *Viaje al cielo*; *El genio del bosque*; *Las cacerías de Perucho*; *Aventuras de Hans Staden*; *Historia del mundo para los niños*; *Peter Pan, el niño que no quiso crecer*; *El país de la gramática*; *La aritmética de Emilia*; *Geografía para los niños*; *Historia de las invenciones*; *El Quijote de los niños*; *El Benteveo Amarillo*; *El Minotauro*; *La llave del tamaño*; *La reforma de la naturaleza* y *El espanto de*

las gentes; Las viejas fabulas; Memoras de Emilia; El pozo del Visconde; Las lecciones de doña Benita; Cuentos de Tia Anastásia.

Apesar do grande sucesso de Lobato, na Argentina, na década de 1950, o contrato de edição é rescindido e não há novas publicações depois.

Lobatu em russo

Sobre a publicação da obra de Lobato em russo, encontramos um artigo intitulado "Emília vítima da tradução", datado de 18 de janeiro de 1982, em que a escritora e tradutora Tatiana Belinky discute a tradução de *Reinações de Narizinho*, para as crianças russas.

Segundo Belinky, o título do livro e o nome do autor estão dentro de um típico escudo-de-armas, com um pequeno pica-pau amarelinho e as inscrições: "Monteiru Lobatu" e "A Ordem do Picapau Amarelo". Inicialmente, a autora afirma não entender a razão pela substituição de *Sítio* por *Ordem*. De acordo com a escritora, não é encontrada nenhuma referência ao Sítio na tradução russa. Já no final do seu artigo, Belinky descobre a razão da troca:

E na página 23 encontro afinal o 'por que' da 'ordem': "Pedrinho fundou na casinha do Picapau Amarelo uma ordem de cavaleiros, vocês sabem, como os cavaleiros medievais, uma sociedade assim, para todos juntos realizarem grandes feitos... Com ele, Pedrinho a frente, claro" (BELINKY, 1982, p. 26, grifos da autora).

A autora ainda nos fala sobre a capa da obra que apresenta um rinoceronte puxado pelo Visconde (um boneco de espiga de milho), o qual porta um chapéu mexicano na cabeça. Além disso, há uma "garotinha" — assim identificada por Belinky: uma boneca magra usando "rabo de cavalo" — e um menino vestido com calças compridas e franjadas além de usar um grande "sombbrero" na cabeça. Para Belinky (1982, p. 26): "Deviam ao menos dizer se tratar de uma adaptação. Mas o que diz lá é 'tradução'. Adaptaram até as crianças, que viraram mexicanas, a julgar pelas roupas".

Belinky, ainda em seu artigo, demonstra sua indignação com a eliminação de episódios e de trechos inteiros da obra como, por exemplo, o episódio da “falhinha de papagaio que a Narizinho recusou ‘ecologicamente’ para que o doutor Caramujo não matasse a avezinha”. Outro episódio que também desaparece na tradução é o das pílulas engolidas pelo sapo Major Cigarra. Além dessas supressões há, segundo a escritora, o acréscimo do que ela chamou de “reflexões”:

Começo a ler, com a primeira frase de Lobato bem viva na memória: “Numa casinha branca, lá no Sítio do Picapau Amarelo, mora uma velha de mais de sessenta anos...”. E leio em russo: “Numa pequena casinha, que nos arredores denominaram, não se sabe por que, de casinha do Picapau Amarelo...” (BELINKY, 1982, p. 26).

Esse artigo de Belinky demonstra a presença de Lobato em terras russas e a diversidade de idiomas em que suas obras apareceram.

Lobato em inglês

Em 1926, Lobato tem a idéia de escrever um romance para publicá-lo nos Estados Unidos, *O choque das raças*:

Sabe o que ando gestando? Uma idéia-mãe! Um romance americano, isto é, editável nos Estados Unidos. Já comecei e caminha depressa. Meio à Wells, com visão do futuro. O *clou* será o choque da raça negra com a branca, quando a primeira, cujo índice de proliferação é maior, alcançar a branca e batê-la nas urnas, elegendo um presidente preto! Aconteceu coisas tremendas, mas vence por fim a inteligência do branco. Consegue por meio dos raios N, inventados pelo professor Brown, esterilizar os negros sem que estes dêem pela coisa (LOBATO, 1969, t. 2, p. 293).

O choque é o único romance de Lobato. Nele o autor narra a vitória de um candidato negro à Presidência dos EUA, no ano de 2228. Aparece inicialmente no jornal *A Manhã* em forma de folhetim. No Natal do mesmo ano, tal livro é publicado pela Companhia Editora Nacional. Lobato queria alcançar o

mercado americano de um milhão de exemplares: "Imagine se me sai um *best seller!* Um milhão de exemplares..." (LOBATO, 1969, t. 2, p. 294).

Quando é adido comercial nos Estados Unidos, em Nova Iorque, no ano de 1927, Lobato almeja publicar seu livro em tradução. No entanto, não o aceitam. William David Ball, então editor da agência literária Palmer, envia carta a Lobato se desculpando e lhe informando sobre a impossibilidade de traduzir seu livro, uma vez que tratava de um tema complicado aos americanos, o sectarismo racial:

Infelizmente, porém, o enredo central é baseado em um assunto particularmente difícil de se abordar neste país, porque ele irá, certamente, acender o tipo mais amargo de sectarismo e, por esta razão, os editores são invariavelmente avessos à idéia de apresentá-lo ao público leitor (*apud* AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 1998, p. 220).

Em 1922, Isaac Goldberg dedica um capítulo de *Brazilian Literature* à análise da obra de Monteiro Lobato. Goldberg inicia o capítulo apresentando o autor:

Entre recentes correntes literárias que apresentam várias fases interessantes, não deveriam negligenciar as tendências nacionalistas no Brasil defendidas tão ardentemente e com tal efeito imediato pelo mais ativo dos "novos" espíritos, Monteiro Lobato (GOLDBERG, 1922, p. 277, grifo do autor).⁴

Três anos depois, com o título *Brazilian Short Stories*, o mesmo autor verterá para o inglês quatro contos de Lobato para serem publicados nos Estados Unidos, na série *Little Blue Book*.

Em novembro de 1941, a Agência Minerva envia carta a Lobato informando sobre os seus contos que haviam sido traduzidos para o inglês. Dentre eles: "The poet gardner" (O jardineiro Timóteo); "The abduction" (O rapto); "The Patchwork quilt" (A colcha de retalhos); "A pastoral" (Bucólica); "The mysterious dish" (Bugio moqueado); "My Maupassant story" (Meu conto de Maupassant); "The plague of locusts" (A nuvem de gafanhotos); "An honest

⁴ Lê-se no original: "Among recent literary currents that present several interesting phases one should not overlook the nationalistic tendencies in Brazil, championed so ardently and with such immediate effect by the most active of the "new" spirits, Monteiro Lobato".

man" (O homem honesto); "The other" (O outro); "In the beginning" (A inteligência feminina); "The Morass" (Bocatorta); "Tragedy of a capon" (Tragédia dum capão de pintos); "Moderne torture" (Um suplício moderno); "The penitent wag" (O engraçado arrependido); "The plantation buyer" (O comprador de fazendas), dentre outros.

Hiram Haydn, da agência *Crown Publisher*, em 1947, envia carta a Lobato agradecendo por este ter dado permissão para publicação de sua história:

Muito obrigado por sua graciosa autorização permitindo-nos usar sua história na nossa *Antologia Mundial do Século XX*. Teremos prazer em enviar duas cópias do nosso livro tão logo esteja pronto, o que deverá ocorrer no outono (CEDAE).⁵

Como podemos constatar, Lobato teve alguns de seus contos vertidos para o inglês. No entanto, a sua tradução no país que o autor tanto admirava é pequena. Em nossas pesquisas, não obtivemos nenhuma referência a qualquer livro do escritor que tenha sido publicado integralmente. Como suas obras são compostas em grande parte por contos e, naquela época, as traduções eram feitas, na maioria das vezes, em revistas, encontramos menções somente a alguns contos do autor traduzidos nos Estados Unidos.

Lobato em alemão e em italiano

Quanto à literatura lobatiana vertida para o alemão, sabemos que, em 1932, é publicado em São Paulo o livro *Die Alte Fazenda*, com contos da literatura adulta do autor. Infelizmente, não encontramos a relação dos contos que foram traduzidos nessa edição.

No que tange à literatura infantil de Lobato, em 17 de agosto de 1945, Osório Dutra, então Chefe da Divisão de Cooperação Intelectual, envia uma carta ao criador do Sítio do Picapau Amarelo lhe comunicando o interesse da

⁵ Lê-se no original: "Thank you very much for your gracious permission allowing us to use your story in our 20th Century World Antology. / We shall be happy to send you two copies of our book as soon as it is ready which will be in the fall".

editora Libreria Editrice Eclética, de Turim, em obter os direitos de tradução para o italiano do seu livro *A Menina do Narizinho Arrebitado*:

Apraz-me passar às mãos de Vossa Senhoria a inclusa cópia da carta pela qual a "Libreria Editrice Eclética", de Turim, solicita os bons ofícios da Embaixada do Brasil em Roma no sentido de propiciar a cessão dos direitos de tradução para o italiano do seu livro "A Menina do Narizinho Arrebitado".

Conforme consta da carta em apreço, já tem aquela editora pronta a tradução do livro, fartamente ilustrada, sendo que Vossa Senhoria poderá ajuizar do trabalho de ilustração pela reprodução reduzida, que segue anexa, da capa do volume, cujo título foi traduzido pra "Narisino" (CEDAE).

Jorge M. Kornbluh, consultado por nós, relata que a publicação italiana teve duas edições e o título é traduzido inicialmente por *Narisino* e depois por *Nasino*, sendo a obra ilustrada por Vincenzo Nicoletti.

Lobato em francês

Lobato foi um dos autores mais traduzidos na França nas décadas de 1920 e 1930. Nesse período, o Brasil ocupa um lugar privilegiado nas revistas francesas. A maior parte dos periódicos concede destaque ao Brasil e às traduções de Gahisto, Duriau, Readers, principais divulgadores da nossa literatura na França.

Duriau traduz vários textos de Coelho Neto e de Lobato, com quem mantinha relações epistolares. Suas preferências, no que se refere à literatura brasileira, podem ser constatadas em carta que escreve a Larbaud agradecendo os elogios sobre sua tradução de *Vicentinho*, obra de Maria Eugênia Celso, em que afirma ser Lobato um escritor 'internacional':

Percebo que a literatura brasileira é sobretudo rica de possibilidades, e que, exceto alguns escritores, nada em suma merece entusiasmos extraordinários... Os ensaístas são sobretudo os mais notáveis, entre eles Tristão de Ataíde e Euclides da Cunha. É evidente que, entre os que chamamos de contistas, existem escritores internacionais como *Monteiro Lobato* e Ribeiro Couto, porém, os demais não são tão surpreendentes (*apud* RIVAS, 1995, p. 255, grifos nossos).

De acordo com Pierre Rivas (1995, p. 257): “[...] Raeders, Duriau, e outros, como os [tradutores] da geração anterior: Lesbegue, Gahisto etc... não estavam na linha da modernidade”. Os escritores traduzidos, em sua grande maioria, são aqueles da corrente regionalista ou que trazem um apelo ao “exótico”. Rivas (1995) afirma que o exotismo brasileiro no imaginário francês foi de suma importância para a escolha do que seria traduzido.

Marie-Hélène Torres, em sua tese de doutorado *Variations sur l'étranger dans les lettres: cent ans de traductions françaises des lettres brésiliennes*, faz um levantamento das obras brasileiras traduzidas na França e seus dados mostram que os textos regionalistas foram mais traduzidos em francês do que os romances urbanistas: “Notamos que, sem dúvida, a corrente regionalista é a mais traduzida em francês e isto, desde as primeiras traduções, demonstrando que o interesse conferido à tradução de romances brasileiros se fixa principalmente no regional” (2001, p. 89-90).⁶

Oswald de Andrade já havia constatado essa preferência pelo regionalismo. O escritor fez várias viagens a Paris na tentativa de divulgar a literatura brasileira modernista. No ano de 1923, ministra a conferência “Jeca Tatu na Sorbonne”, que seria publicada na *Revue de l'Amérique Latine*. Em 10 de março do mesmo ano, escreve para Lobato falando sobre o interesse dos franceses pelas suas obras, em detrimento dos autores modernistas, como verificamos a seguir:

Estou desmoralisadíssimo. Percebendo que a verdadeira literatura francesa está mais com o Lobato dos “Urupês” [...] do que com esses impagáveis Andrades (Mários e Oswalds) dispus-me a fazer propaganda de tua obra – “quelque chose de puissant et savoureux, tout le pessimisme de l'étendue! E criei um mito em Paris — Lobatô! Agora, os apuras. Où est Lobatô? Ses livres? Ses nouvelles? Un échantillon de son genie! E eu, silêncio, excusas vilíssimas — Esperem um pouco, mandei buscar, já vem já! É longe... Sem blague, Lobato, estou desarmado. Travei relações ótimas no grande meio literário Romain Rolland. Larbaud.

⁶ Lê-se no original: “Nous remarquons que sans conteste, le courant régionaliste est le plus traduit en français et ce, dès les premières traductions, démontrant que l'intérêt porté à la traduction de romans brésiliens se fixe principalement sur le régional”.

E há — sincero ou cabotino — um interesse insistido em nos conhecer. Não trouxe um só livro meu, nem teu, nem dos outros companheiros de atualidade possivelmente francesa. Mande-me pois (podes pôr na minha conta, editor usurário!) quatro ou cinco volumes de *Urupês*, *Cidades Mortas*, *Onda Verde*, etc, etc. E sobretudo a “*Revista do Brasil*” de que sou um representante sem poderes. De fato, não sei como hei de propagar aqui a fase iniciada em janeiro [...] (CEDAE).

Lobato, por ter descrito o caboclo, o Brasil e suas mazelas — sendo assim considerado um escritor regionalista —, teve diversos de seus contos traduzidos na França. Em 1921, a revista *Le Monde Nouveau* traz “*L’acheteur de fazendas*” (O comprador de fazendas), um conto de Monteiro Lobato, retirado do livro *Urupês*, traduzido por Telles com a colaboração de Dominique Braga. Segundo Rivas (1995, p. 227), o autor é apresentado em nota como “*um contista regionalista, autor de Urupês*”. Este foi um dos primeiros textos traduzidos de Lobato. A partir de então, vários de seus contos são vertidos para o francês, principalmente com a ajuda do tradutor Duriau.

Em setembro de 1924 é publicado o conto “*A vingança da peroba*”, extraído de *Urupês* e traduzido por G. Le Gentil, na *Revue de L’Amérique Latine*, n. 33. Em carta datada de 26 de outubro de 1924, Sergio Milliet informa a Lobato sobre a tradução de seu conto “*O macaco que se fez homem*”, que será publicado na *Revue de L’Amérique Latine*:

Caro amigo Lobato, coloquei a tradução de seu conto “*O macaco que se fez homem*” na *Revue de L’Amérique Latine* onde aparecerá no número próximo. Tendo se apresentado ocasião para colaborar nas “*Oeuvres Libres*” comeci hoje a tradução de “*Suplício Moderno*” em colaboração com Blaise Cendrars — *Todo o conto regional tem fácil aceitação aqui*. Eis porquê me seria agradável traduzir alguns — Deixo a escolha deles ao seu critério (CEDAE, grifos nossos).

Em sua carta, Milliet nos mostra claramente o que interessava aos leitores franceses da época, os contos regionalistas, como apontam Rivas (1995) e Torres (2001), já mencionados.

Aviso de uma nova tradução chega a Lobato em outra carta de Milliet, datada de 15 de dezembro de 1924. Assim, no mês de junho de 1925, a *Revue*

de *L'Amérique Latine*, n. 42, publica o conto "Um suplício moderno", de *Urupês*, em tradução de Sérgio Milliet:

O conto vai ser publicado num dos próximos números da *Amérique Latine*. *O supplicio moderno*, já traduzido, está nas mãos de Cendrars para ser colocado em outra revista ou jornal. É bom não se limitar a uma só revista (CEDAE).

"Meu conto de Maupassant", de *Urupês*, vertido para o francês por Jean Duriau, é editado pela *Revue de L'Amérique Latine* em agosto de 1926. Galey Lesca envia, em 31 de dezembro de 1926, uma carta a Lobato informando sobre a publicação de um artigo escrito por Duriau: "Nós vamos publicar em nosso próximo nº (Fevereiro) um artigo de nosso colaborador Jean Duriau que lhe interessará especialmente" (CEDAE).⁷

A *Revue Nouvelle* publica, em fevereiro de 1927, "L'impôt unique" (O imposto único), um conto de Monteiro Lobato, extraído do Livro *Cidades Mortas* e traduzido por Jean Duriau. Segundo Rivas, Duriau, em nota introdutória, afirma que Lobato retratava as vidas humildes e desconhecidas, e a expansão italiana em conflito com as leis locais em São Paulo, temas significativos no momento em que o Brasil avançava a passos largos na economia mundial.

Em junho do mesmo ano, a *Revue Européenne* publica *Le Babouin Boucané*, com a seguinte nota de Duriau a respeito de Lobato: "o mais original dos jovens escritores brasileiros da atualidade, num país tão diferente do nosso, onde a raridade dos meios de comunicação retarda a difusão disso que chamamos progresso" (*apud* RIVAS, 1995, p. 260).

Em carta de 2 de outubro de 1928, Lobato comenta com Iainha Pereira Gomes — escritora e pintora gaúcha que morava em São Paulo — a impossibilidade de tradução do seu livro *O Choque das Raças* na América, mas informa-lhe que o mesmo estava sendo traduzido na França: "O curioso é que esse livro foi traduzido em francês e está sendo dado por partes por uma revista [...]". Segundo Azevedo, Camargos e Sacchetta (1998, p. 220), o autor

⁷ Lê-se no original: " [...] Nous allons publier dans notre prochain nº. (Février) un article de notre collaborateur Jean Duriau qui vous intéressera tout spécialement".

se refere à *Revue de l'Amérique Latine*, que, de setembro de 1928 a fevereiro do ano seguinte, o publica em tradução de Jean Duriau.

Em crônica escrita para a revista *Mercur de France*, para o número de 15 de janeiro de 1935, Manuel Gahisto dedica-se a Ribeiro Couto e a Monteiro Lobato. Essa crônica reúne, assim, dois dos escritores mais traduzidos na época. Apresenta Jeca Tatu, "exemplo da inércia incurável" do Brasil, que ele opõe às figuras ideais esboçadas pelos indianistas. Ainda em 1935, é publicado "Les Gardiens de phare" (Os faroleiros), conto retirado do livro *Urupês, Negrinha e outros contos* e traduzido por Duriau.

No ano de 1967, as edições Universitárias, na sua série de obras hispano-americanas — uma coleção da Unesco de obras representativas — publica o livro *La Vengeance de l'arbre et autres contes (Urupês, Negrinha e outros contos)*, traduzido por Georgette Tavares Bastos e introduzido por Lucien Farnoux-Reynaud. Esta obra é composta por todos os contos do livro *Urupês*: "Les gardiens du phare" (Os faroleiros); "Le plaisantin repentini" (O engraçado arrependido); "Le couvre-lit de retailles" (A colcha de retalhos); "La vengeance du Péroba" (A vingança da peroba); "Biriba, l'estafette" (Um suplício moderno); "Mon conte de Maupassant" (Meu conto de Maupassant); "Pollice verso" (Pollice verso); "Bucolique" (Bucólica); "Le tueur d'arbre" (O mata-pau); "Bocatorta" (Bocatorta); "L'acquéreur de fazendas" (O comprador de fazendas); "Le stigmaté" (O estigma); "Vieille calamité" (Velha praga); "Urupês" (Urupês); dois contos do livro *Cidades Mortas*: "Un homme honnête" (Um homem honesto); "Le chef-d'œuvre du tapeur"; e três contos do livro *Negrinha*: "Tranche de vie" (Fatia de vida); "Les tout petits" (Os pequeninos); "Je veux aider le Brésil" (Quero ajudar o Brasil).

Cumprir mencionar que, em 1987, Michel Riaudel traduz e publica "À propos de l'exposition Malfatti", de Monteiro Lobato, na revista *Modernidade*, de Paris.

Quanto às obras infantis de Lobato, o escritor português Fernando Marques do Vale (1994, p. 37), em seu livro *A obra infantil de Monteiro Lobato*

— *inovações e repercussões*, afirma: “Em 1926, os livros infantis de Monteiro Lobato começam a ser traduzidos no estrangeiro (Alemanha, Espanha, França, Síria, etc.) e a ser lidos e amados por crianças de outros países”. A escritora brasileira Nelly Novaes Coelho (1991, p. 228), em seu livro *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil — das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo*, nos informa: “Seu desejo [de Lobato] foi uma profecia. A essa altura (1926) seus livros já estavam sendo traduzidos no exterior (Alemanha, Espanha, França, Síria...), entendidos e amados por crianças não-brasileiras”.

Embora esses estudiosos tenham sugerido, nos respectivos livros, que a literatura infantil de Lobato foi traduzida na França, nada encontramos, em nosso estudo, que comprovasse ou que indicasse a sua tradução em língua francesa. Durante nossa pesquisa, visitamos a Biblioteca Monteiro Lobato; a Biblioteca Mário de Andrade; a Biblioteca Florestan Fernandes, da Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo; o Centro de Documentação Alexandre Eulálio (CEDAE), da Universidade de Campinas, para verificarmos se os livros infantis/juvenis de Lobato haviam sido traduzidos, ou não, na França. Entretanto, em nosso levantamento, não nos deparamos com tais textos vertidos para o francês. Além disso, contatamos a família do autor, o escritor português Fernando Marques do Vale e a professora e escritora Marisa Lajolo. Todos disseram não ter conhecimento da tradução da literatura infantil/juvenil de Lobato para a língua francesa.

Em *Ouvrages brésiliens traduits en français (Obras brasileiras traduzidas na França)*, de Estela dos Santos Abreu (2004), ou em *Auteurs brésiliens en français (Autores brasileiros em francês)*, de Inês Fonseca (1998), que são levantamentos realizados sobre as obras da literatura brasileira publicadas na França, só encontramos *La vengeance de l'arbre et autres contes* (contos retirados dos livros *Urupês*, *Negrinha* e *Cidades Mortas*) — 1967/1978 e o conto “Les gardiens de phares” (“Os faroleiros”) — 1935.

Pelo exposto, notamos que as personagens de Monteiro Lobato viajaram por vários países. O Jeca passeou pela França e Emília pela Rússia.

Assim, nosso objetivo com esse trabalho foi evidenciar a repercussão de Lobato no cenário internacional, destacando quais de suas obras foram traduzidas e em quais línguas.

Referências bibliográficas

ABREU, Estela dos Santos. *Ouvrages brésiliens traduits en France*. 5. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004.

AZEVEDO, Carmen Lúcia de; CAMARGOS, Márcia Mascarenhas de Rezende; SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*. 2. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 1998.

BELINKY, Tatiana. Emília vítima da tradução. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 18 jan.1982. Ilustrada. p.25.

CAMPOS, Haroldo de. Da tradução como criação e como crítica. In: _____. *Metalinguagem & outras metas: ensaios de teoria e crítica literária*. São Paulo: Perspectiva, 2004. pp.31-48.

COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.

FONSECA, Inês. *Auteurs brésiliens traduits en français*. 2. ed. Paris: Ambassade du Brésil, 1998.

GOLDBERG, Isaac. Monteiro Lobato. In: _____. *Brazilian Literature*. New York: Alfred A. Knopf, 1922. p.277.

GONÇALVES FILHO, Antônio. Quase duas mil páginas com histórias de Lobato. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 18 jan.1982. Ilustrada. p.25.

LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1969. 2t.

PAGANO, Adriana (Org.). *Metodologias de pesquisa em tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2001.

RIVAS, Pierre. *Encontro entre literaturas: França-Portugal-Brasil*. Tradução coordenada por Durval Ártico e Maria Letícia Guedes Alcoforado. São Paulo: Hucitec, 1995.

TORRES. Marie-Hélène Catherine. *Variations sur l'étranger dans les lettres: cent ans de traductions françaises des lettres brésiliennes*. 2001. Tese (Doctor in de

Letterkunde) — Faculteit Letteren, Katholieke Universiteit, Leuven, Belgique, 2001. v.1.

VALE, Fernando Marques do. *A obra infantil de Monteiro Lobato: inovações e repercussões*. Lisboa: Portugalmundo, 1994.

Artigo recebido em 01/03/2009 e publicado em 30/09/2009.